O MAL EXISTE. E ESTÁ EM TODA PARTE.

Querida MARI

um conto de **MAUD EPASCOLATO**

autora de
MEDO DO ESCURO E OUTRAS HISTÓRIAS



INDIE6

O MAL EXISTE. E ESTÁ EM TODA PARTE.

Querida MARI

um conto de **MAUD EPASCOLATO**

autora de
MEDO DO ESCURO E OUTRAS HISTÓRIAS



SELO

INDIE 6.1

LIVROS FASCINANTES SÃO A NOSSA MISSÃO.

Créditos

QUERIDA MARI
Copyright © 2013 Maud Epascolato
Todos os direitos reservados.

Revisão
Bárbara Parente

Projeto Gráfico e Diagramação
INDIE 6 | Design Editorial

Edição Digital
INDIE 6 | Design Editorial

www.indie6.com.br



O mal existe. E está em toda parte.

Sexta-feira, 19 de julho de 1985

Silêncio.

O tique-taque do relógio de parede da cozinha era o único som audível. Antes daquele silêncio sepulcral, ninguém havia se dado conta do quão alto era o som. E como era irritante! O esforço para se manter uma mínima concentração era perdido. Aquilo incomodou Edgar.

Principalmente quando as batidas de seu próprio coração se mostraram mais altas que o ruído produzido pelo objeto.

À sua esquerda estava Estela, a irmã, com o rosto sisudo e concentrado, como se estivesse analisando uma teoria de física quântica dificílima. Seu estado de espírito não era dos melhores. Sempre que o marido viajava a trabalho, ela se mostrava preocupada. Ela mesma não sabia

com o quê. Uma sensação de abandono e desassossego a dominava cada vez que a casa ficava mais vazia.

De maneira incomum, o clima na cozinha – um dos poucos ambientes em que um sorriso era mais fácil de ser retribuído – estava pesado. A família se reunia ao redor da mesa, pronta para um delicioso jantar, em que colocariam a conversa em dia e trocariam experiências. No entanto, aquela

noite de sexta estava diferente...

A lâmpada de sessenta volts iluminava o ambiente com tranquilidade. Parte dela parecia queimada, com a luz bruxuleante solicitando descanso. Apenas aguardavam que ela desse um último fio de energia para trocá-la.

O tilintar de colheres nos pratos se iniciou. Apenas os ruídos do relógio, das colheres e das bocas sorvendo com avidez o líquido fumegante estavam presentes.

Nenhuma voz. Nenhum murmúrio. Nenhuma exclamação de aprovação pelo sabor da comida bem feita. Ao redor da mesa, três pessoas ignoravam a presença uns dos outros: Estela, Edgar e Adriana – uma família.

Edgar levantou os olhos, encontrando o olhar seco e profundamente azul do outro lado da mesa. Havia uma boneca, sentada logo em frente. Tinha cílios muito longos e sobrancelhas bem altas,

quase no meio da testa. Seu corpo parecia feito de borracha plastificada (ou seria um plástico emborrachado?). Não era grande, poderia ser colocada num colo infantil sem problemas. Os cabelos louros e curtíssimos assemelhavam-se mais a palha. Usava um vestido bege de tecido de chita. Uma porcaria mal cortada e simples demais. Estava muito suja e os dedos pareciam feridos. Seu semblante era divertido, e Edgar

pensou que talvez ela fosse a única se divertindo naquele momento.

O olhar da boneca não era doce, como ele acreditava que deveria ser. Bonecas deveriam passar coisas boas para as crianças, como objeto do carinho de criaturas tão puras e de alma tão elevada. Mas aquela... Meu Deus, como era feia! Chegou a pensar se a sobrinha não se assustava toda vez que a via.

Edgar sorveu mais uma colher da sopa de ervilha, fazendo um

barulho incômodo. Ele fitou Estela, mas esta parecia presa ao prato, observando o repolho que boiava no caldo esverdeado.

Ele levou mais uma colherada à boca, encontrando os olhos esbugalhados e de pupilas dilatadas da boneca.

Pupilas dilatadas?

Aquela visão o fez estacar. Seus olhos ficaram fixos nos dela, esperando que suas pupilas voltassem ao normal. Ora, não

acabara de ver aqueles mesmos olhos divertidos? Não, não vira. Os olhos da boneca o miravam de maneira diferente. E não mais com a expressão divertida. Eles pareciam querer engoli-lo! E as pupilas? Estavam menores quando ele a fitou pela primeira vez... Será que a luz da lâmpada o enganara? Ou ele estava sofrendo das mesmas alucinações que o acometeram em janeiro daquele mesmo ano quando entrou no sótão malcheiroso da

casa?

Os lábios em formato de coração da boneca formavam um sorriso nauseabundo. Dois pequenos dentes apareciam logo abaixo do lábio superior, separados, pontiagudos. Assemelhavam-se aos de uma cobra prestes a dar o bote. Sua mente começou a imaginar aqueles dentes afiados fincados em sua pele... Ele estremeceu.

Um engasgo o fez tossir com esforço. A vermelhidão de seu rosto,

contorcido pelos espasmos, assustou Estela, que correu para ajudá-lo dando-lhe tapinhas nas costas.

– Estou passando mal... – disse ele, com a voz rouca, entre tossidelas.

– Estou vendo – rebateu a irmã, ainda lhe lançando tapas nas costas.

Quando a tosse cessou, ele não resistiu. Uma boneca na cozinha não era usual ali. Estela era muito organizada quanto a isso. Os brinquedos de Adriana ficavam no

quarto da menina. O máximo permitido era a sala, onde a pequena poderia brincar sem problemas, mas devendo guardar tudo depois de terminado.

– Por que esta boneca está aqui na hora do jantar?

Adriana fitou-o com a inocência que a fazia tão especial.

– Ela é minha amiga, tio. Trouxe a Mari aqui para conhecer vocês.

– Mari? – perguntaram em

uníssono, estupefatos.

Estela sentou-se e passou a mão por uma mecha de cabelo que lhe caía sobre os olhos.

– Sim. É o nome dela. Por quê?

– Filha, este é o nome da sua avó. – A mãe fitou-a com o olhar triste e a testa franzida. – Por que colocou o nome da vovó nessa boneca tão...? – Ela parou; seus olhos passearam com nojo pela boneca imunda.

– Não coloquei o nome nela,

mãe. Foi ela quem disse que se chamava Mari.

Edgar sorriu. Adriana provavelmente quis homenagear a avó, falecida havia três meses.

– Ah, ela disse... – fez a mãe, zombando. – Então diga a ela que precisará trocar de nome, está bem? Não quero o nome da minha mãe nessa boneca horrível.

– Mãe, esse é o nome dela! Não posso pedir para ela trocar de nome. Você se lembra? Certa vez, eu

quis trocar o meu; queria me chamar Jéssica, mas você me disse que não poderia trocar.

– Mas Adriana é um nome lindo, filha. Por que queria trocar?

– Gosto de Jéssica. Lá na minha escola, conheço quatro meninas que se chamam Adriana. Não conheço nenhuma Jéssica.

– Isso mostra que nome lindo você tem! Todos colocam esse nome em suas filhas. – Ela sorriu, mas seu rosto se fechou em seguida ao

encarar a boneca sobre a mesa. – Onde conseguiu essa boneca, querida? Não me lembro de ter lhe dado...

– Encontrei no sótão. Ela estava chorando...

Edgar soltou a colher e sentiu um calafrio. Seu rosto anuviou-se. A menção do sótão o deixava perturbado, fazendo-o retornar a janeiro, quando presenciou aqueles fatos que tanto lhe tiraram o sono. Ele nunca mais foi o mesmo. Nunca

mais subiu os degraus que levavam ao recinto escuro e úmido, onde se largavam os bagulhos sem mais serventia da família. De repente, a lembrança do pai e da música que tocava naquele dia surgiu nítida em sua mente.

– A boneca estava chorando no sótão? Que história é essa, Adriana? – perguntou Estela, franzindo a testa. – Pare de inventar essas coisas! Já não basta o que aconteceu com o seu tio naquele sótão?

– É verdade, mãe. Mari estava chorando. Achei estranho e fui até o sótão para ver o que era. Mari estava lá. Não podia deixá-la jogada. Ela precisava de mim...

– Está bem! Não vou discutir isso com você. Mas tire-a de cima da mesa de jantar – ordenou.

– Por que ela não pode ficar aqui na mesa?

– Porque ela é feia, velha e suja! E não se coloca um objeto nessas condições sobre a mesa na

hora do jantar. Já lhe ensinei isso! – A resposta de Estela foi dada com aspereza e com a voz elevada.

– Tio Edgar também é feio, velho e ainda não tomou banho e está na mesa do jantar! – rebateu Adriana gritando.

Edgar virou-se para a menina e abriu a boca, com a intenção de responder alguma coisa, mas preferiu se calar. Certamente ela não pensou antes de falar. Crianças... De nada adiantaria ficar indignado

nesse momento ou tentar se defender da lógica de uma criança de nove anos.

– Adriana! – repreendeu Estela, com os olhos arregalados e uma dureza que raramente manifestava. – Peça desculpas agora ao seu tio!

– Estela, deixe isso para lá... Não fiquei ofendido – tentou interceder.

– Adriana, estou mandando você pedir desculpas agora!

A menina olhou para a mãe

com mágoa. Seus olhos brilhavam, tomados de lágrimas. A boca, cerrada, fazia um bico de raiva. Ela abraçou a boneca e saiu correndo da cozinha.

– Adriana, volte aqui!

– Estela, por favor, deixe-a. – Edgar tentou acalmá-la. – Ela está chateada, porque você não gostou da boneca. Depois vocês conversam.

– Edgar, ela é minha filha. Preciso educá-la. Adriana foi grosseira. Ela não é assim... Não lhe

ensinei isso e não admito que aja dessa maneira. – Ela fez uma pausa, tentando normalizar a respiração. – Ela nunca procedeu desse jeito, meu irmão! E por causa de uma boneca ridícula! Ela tem tantas bonecas bonitas... Por que gostou daquela coisa horrorosa?

– Não sei, mas... Vá entender as crianças...

Sábado, 20 de julho de 1985

Adriana remexeu-se na cama, o sono agitado. Os gritos da mãe na noite anterior a deixaram aborrecida, porém talvez ela estivesse certa. Mães eram assim mesmo: chatas, cheias de regras, cobradoras. Mas acertavam sempre. Ainda que Estela fosse rígida em excesso às vezes. Não sentia raiva

da mãe. Apenas não estava acostumada a ouvi-la gritar. Sentia a falta do pai. Quando ele estava em casa, tudo parecia mais leve. Havia a sensação de maior proteção. O tio Edgar não poderia proteger ninguém, nem ele mesmo...

Eram quase quatro da manhã.

Ela virou-se na cama. A dor tomou seu coração. Um pesadelo se instaurava no subconsciente. Era o peso de alguém, a força de um sentimento rancoroso e

amedrontador. Ela gemia para se desvencilhar dessa dor, mas a força era intensa demais para uma criança conseguir resistir.

De súbito, no meio da escuridão, ela conseguiu divisar um corpo – um corpo idoso, baixo, de formas arredondadas, que caminhava em sua direção. *Vovó Mari*, ela pensou, sorrindo.

A mulher se aproximou e tocou seus cabelos castanhos com doçura. Era mesmo sua avó materna, que

deixara a terra dos vivos e fora morar ao lado de Deus. Seu olhar cândido encontrou os olhos vívidos da neta. Ela balbuciava algumas palavras, mas Adriana não conseguia ouvi-las a princípio. Até que estas finalmente penetraram a mente sonolenta da menina:

Cuide dela. Cuide muito bem dela para mim. Não se permita ficar longe dela, meu amor. Caso a irrite, fique alerta e tome cuidado...

Num segundo, a imagem se

desfez, levando consigo o significado daquelas palavras. Adriana estendeu o braço para pegá-la, mas um pó caiu-lhe nos olhos, deixando sua visão turva. A escuridão tomou conta do sonho, mas não por muito tempo. A imagem horrenda de um cão manchado de sangue apareceu, correndo raivoso em sua direção. Ele sumiu antes de tocá-la. Atrás dele estava Estela, a roupa também suja de sangue; nas mãos, um cutelo. Ela olhava para a

filha com os olhos vazios, os olhos da morte. Adriana gritou, desesperada. Logo atrás estava vovó Mari, caída, banhada em sangue vivo. Na testa, a marca deixada pelo cutelo. A mãe levantou o instrumento mais uma vez para desferir um último golpe e...

Mamãe! Mamãe! Não! Não! É a vovó Mari. Pare, por favor...

Ela teve a sensação de que alguém forçava um travesseiro contra o seu rosto enquanto dormia.

Num ímpeto, dobrou o corpo, tocando o peito magro com os joelhos. O suor escorria por sua testa, e o fôlego lhe faltava. Ela tentou puxar o ar com sofreguidão, e isso lhe causou uma dor intensa. Fechou os olhos e começou a chorar. Olhou para fora e viu os primeiros raios do Sol penetrarem timidamente o quarto através da janela.

Mari permanecia sentada na cadeirinha de balanço próxima à janela, confortável e impassível

como toda boneca deveria ser.



Chorando, Adriana estacou na entrada da cozinha, onde encontrou a mãe, a panela de pressão já no fogo chiando e impregnando o ar com o cheiro forte do feijão preto. Ao ouvir o seu gemido triste e lhe notar o olhar de arrependimento, esta se virou.

– Desculpa, mamãe. Desculpa... – repetia ela, com a voz afetada pelas lágrimas e pelo nariz entupido pela secreção. – Não queria aborrecer você. Não queria...

– Tudo bem, meu amor. – Estela sentou-se e abraçou-a, acarinhando e enxugando seu rosto. – O que houve com você? Por que está assim? Fiquei aborrecida, sim, mas está tudo bem. Não precisa chorar... Dê-me um beijinho...

Adriana obedeceu e abraçou-a,

repousando a cabeça no ombro da mãe.

– Tive um pesadelo, mãe... Com vovó Mari...

– Ah, minha querida, não fique assim. O que aconteceu? – Estela franziu a testa. – Você nunca foi de ter pesadelos...

– Sonhei que você havia matado a vovó! – revelou, com os olhos arregalados.

– O quê? Meu Deus! Que coisa horrível! Não fale uma besteira

dessas...

– Você matou a vovó com um cutelo, mãe... – Adriana chorava e soluçava.

– Jesus! Que horror, minha filha! Não diga uma coisa dessas! Um cutelo? – Estela parecia seriamente preocupada com essa revelação.

Um cutelo. Deixava um na parte de cima do armário da cozinha, onde guardava os objetos cortantes, bem longe do alcance de Adriana. Porém,

ela percebera no dia anterior que faltava um objeto ali. E era o cutelo! O único cutelo desaparecera da cozinha. Ou Wilson, seu marido, o guardara em outro lugar? Aquilo a deixou apreensiva.

Enquanto isso, no lado externo da casa, Edgar cortava a grama do jardim. Não ouvira a sobrinha acordando, tampouco seus lamentos e choramingos. A máquina de cortar grama fazia um bom trabalho, mas era barulhenta demais. E a grama

estava tão alta que ele precisava passar duas vezes no mesmo lugar.

Até que a máquina parou sozinha. Emperrou na raiz de uma árvore e não voltou a funcionar. Ele tirou o boné que usava e enxugou a testa. Olhou para a máquina parada, decepcionado. O que faria agora? Levantou-a e notou um galho preso na lâmina. Uma fumaça branca começou a subir. Estava quebrada.

Impaciente, Edgar balançou a cabeça e olhou para o outro lado.

Parte da grama estava bem cortada, baixa. Os arbustos estavam secos. Os passarinhos tentavam fazer ninhos ali, enquanto um gato observava, com a cabeça baixa e os olhos vidrados, pronto para saltar sobre as aves. O cachorro da vizinha latia sem cessar. O latido rouco, forte, desesperado. Ele se virou para mandá-lo parar e...

Ele viu.

Sim, estava ali. Estacou de repente, o coração galopando dentro

do peito. O que era aquilo na janela do quarto da sobrinha? Ele piscou várias vezes com a intenção de fazer sumir a imagem que mais parecia uma assombração.

Dois olhos enormes o encaravam! Dois olhos desumanos, insensíveis e sedentos... *dele!*

Edgar deu dois passos para trás e tropeçou na máquina de cortar grama, que começou a funcionar de repente. Ele se levantou com um salto e desligou-a, sem desviar os

olhos daqueles que o perscrutavam. Olhos enormes e de um azul frio... A sobrinha! A pequena Adriana!

Ele levou a mão ao peito e abriu a boca, angustiado, querendo gritar. A menina estava ali, com aquela *coisa*! Estaria dormindo ainda? Ela acordaria do sono profundo? Talvez jamais acordasse novamente...

Edgar imaginou a cena terrível, temendo que fosse real. Seu senso de urgência foi acionado, mas as

pernas não obedeciam. De repente, o rosto de olhos enormes se contorceu, maléfico, num sorriso pavoroso, os dentes de cobra mal cabendo dentro da boca.

– Adrianaaaaa!

O grito de Edgard fez Estela dar um pulo do sofá. Nesse momento, viu o irmão entrar pela casa como um foguete, gritando como um louco e derrubando o que havia pela frente. O som dos vasos e bibelôs se quebrando fez Adriana

parar de chorar e abraçar a mãe, amedrontada.

Edgar não as viu, cego e tomado pelo desespero de encontrar a sobrinha ainda com vida.

A porta do quarto da menina foi aberta num ímpeto. A força depositada foi tão grande que ela abriu, bateu na parede e voltou, fechando-se contra o rosto do homem enlouquecido. Ele não desistiu e abriu-a novamente. Mas estava tudo no lugar ali: a cama

vazia, a janela com a cortina puxada. E Mari...

– Mari? – chamou ele, hesitante em entrar.

O silêncio e a tranquilidade do quarto não estavam de acordo com o que vira do lado de fora. E era perturbador...

– Mari? – Nenhuma resposta. Embora soubesse que uma boneca não responderia, aquilo o deixou mais apavorado ainda. Ele precisava encontrar aqueles

terríveis olhos azuis. – Mari? Onde está?

Estela apareceu atrás dele, os passos curtos, os braços cruzados, a respiração forte fazendo seu peito subir e descer com rapidez.

– Edgar, está louco? Está chamando uma boneca?

Ele a fitou, o suor empapando a camisa. Mas nada disse.

– O que está acontecendo desta vez?

– Adriana... – começou ele. –

Adriana não está aqui... Estela, onde está sua filha? Pelo amor de Deus...

– Ela estava comigo na sala quando você passou quebrando todos os meus enfeites, parecendo um bicho! O que está acontecendo, afinal?

– Eu vi Mari na janela, olhando para mim...

Estela sorriu, balançando a cabeça.

– Ora, de novo isso, meu irmão? Já não basta o trauma

daquele sótão? Vai ficar traumatizado com uma boneca também? Está certo que é uma boneca horrorosa, que assusta qualquer um, mas... Bonecas não têm vida! – falou, carinhosa. – Também fico incomodada com *aquela coisa*. – Ela fez um gesto de repulsa. – Não gostaria de ter que chamar aquela porcaria de Mari... Nossa mãe não merece... Enfim! Procure não assustar Adriana com essas loucuras. Minha filha precisa

crescer num ambiente saudável.

Ela pegou a mão de Edgar e conduziu-o para fora do quarto, mas ele resistiu um pouco, ainda olhando para a cama vazia da menina. Seu coração pedia para que ele ficasse alerta. Alguma coisa fora do comum estava acontecendo. A porta do quarto se fechou atrás deles.

Debaixo da cama de Adriana, havia algo mais que brinquedos comuns ou caixas de sapatos. Havia Mari, jogada, escondida. Ela sorria,

a boquinha vermelha formando uma linha suave, enquanto os dentes surgiam maiores e mais pontiagudos.

Com ela, a lâmina brilhante do cutelo desaparecido...

Domingo, 21 de julho de 1985

— Tenho um pouco de medo do que pode acontecer, sabe?

Estela não havia dormido bem à noite. O irmão passara a madrugada inteira fazendo barulho no quarto, abrindo e fechando gavetas e armários e arrastando a cama e a cômoda. Ela sabia que ele procurava pela boneca. Edgar

colocara na cabeça que Mari entraria em seu quarto durante a madrugada e lhe golpearia o crânio sem piedade com um martelo. Aquilo a deixava apreensiva e temerosa quanto à sanidade do irmão mais velho.

Agora, ali estava ele, sentado à mesa, observando o copo de café com leite. Tinha os olhos caídos, as olheiras mais proeminentes e as bolsas sob os olhos mais densas, resultado da noite em claro.

Ele não respondeu à irmã. Permaneceu ali, a cabeça baixa, enquanto o líquido quente esfriava.

– Estou preocupada com Adriana. Ela está tão diferente... Passou quase que o sábado inteiro chorando, com medo, achando que matei a avó dela... Meu Deus! Que situação terrível...

A menção ao nome da sobrinha fê-lo levantar os olhos avermelhados.

– Aquela boneca é

endemoniada – disse ele, olhando com gravidade para a irmã. – É ela que está influenciando a menina... Só de tê-la encontrado naquele sótão...

– Ai, Edgar, não posso aceitar a ideia de minha filha sofrendo influência negativa de uma simples boneca que ela encontrou num sótão que você diz ser mal-assombrado – interrompeu Estela, o olhar grave. – Mesmo sendo muito feia, imunda, com um semblante sarcástico demais para uma boneca... é apenas um

objeto inanimado. Não há vida ali – ela concluiu. – Confesso... Não gosto dela também. Mas não pode ter essa influência toda! Adriana deve estar com saudades do pai, só isso...

— Sei bem o que vi naquele lugar – rebateu ele com a voz alterada. – Não se trata apenas de influência, Estela. Acredite no mal. Você precisa acreditar para poder ver e compreender o que está acontecendo com sua filha. Acredite,

Estela. Acredite! O mal existe. E está em toda parte...

Edgar falava com tanta seriedade que era quase impossível não acreditar nele. Estela sentiu um calafrio e saiu da cozinha, deixando-o tomar o café em paz.

Ela entrou em seu quarto e lhe veio à mente a imagem do marido Wilson. Como sentia falta dele. Gostaria que ele estivesse ali, ajudando-a a resolver as questões que a preocupavam. Além da filha,

ainda havia Edgar. O irmão era doente, e Adriana gostava muito do tio. Por isso, ele poderia, de maneira inconsciente, colocar coisas na cabeça da menina e torná-la tão alucinada quanto ele. Ela temia isso.

Ao se aproximar da penteadeira, seu rosto se iluminou. O sorriso tomou os lábios apreensivos da mulher. Havia um botão de rosa colocado entre os vidros de perfume. Um lindo botão vermelho.

– Ah, Wilson... Mesmo longe, você ainda me apronta surpresas...

Estela pegou o botão e sorveu o delicado perfume que emanava dele. Levou-o para perto do coração, pensando no marido carinhoso que encontrara e com quem viveria por toda a vida. O sorriso não a deixou por nenhum segundo, enquanto pensava em Wilson.

Havia um bilhete pendurado na parte de baixo do botão, preso ao caule. Um papel simples, escrito à

caneta. Ela tirou-o e leu, mas certamente não era o que esperava. Sua testa criou fissuras de espanto, e a palidez de seu rosto era nítida. O botão de rosa foi jogado no chão com indignação. O semblante suave se transformou numa carranca de raiva.

– Mas que brincadeira é essa?

Ela saiu do quarto, pisando com dureza. A impaciência e a irritação eram evidentes, e ela não estava disposta a tolerar mais

qualquer coisa que atrapalhasse a rotina de sua família, a rotina de sua vida.

No pedaço de papel, escrito com letra infantil, apenas duas frases:

Gostou da flor? Encontrará muitas dessas em seu velório...



Estela entrou no quarto de

Adriana com um estrondo. A filha, que dormia, levantou a cabeça, os olhos inchados de sono e de choro.

– Foi você, não foi? – perguntou, agressiva. – Foi você que escreveu aquele maldito bilhete!

– Que bilhete, mãe? – A voz fraca e sonolenta de Adriana ecoou, enquanto ela sentava na cama.

– Não se faça de santa, menina! Foi você que escreveu o bilhete e deixou a flor no meu quarto? Responda!

Adriana balançou a cabeça, atordoada, ainda sem entender o que estava acontecendo.

– Não fiz nada, mãe. Nem sei do que está falando... Que flor?

– Não vai responder, Adriana?

– Mãe...

– Onde está? – perguntou a mulher, ensandecida, virando-se em todas as direções. – Ah, aqui está! – Ela pegou Mari e encarou seu rosto zombeteiro. – Não pense que continuará aqui, rindo da minha

cara, boneca dos infernos!

– Mãe? O que foi?

– Vou dar um fim nessa porcaria de uma vez por todas! Só pode ser você, sua bonequinha maldita! Não vai continuar com isso! NÃO VAI!

Estela saiu do quarto, urrando como um animal feroz; os passos retumbavam, pesados, sobre os tacos de madeira. Era como se uma mulher frágil se transformasse em algo três vezes maior, em tamanho e

em força. Estela tomara as dimensões de um monstro. Contudo, seu medo era maior que sua raiva. E era esse medo que tentava guiá-la nesse momento.

Da cozinha, Edgar estranhou ao ouvir os gritos da irmã. Ao passar pela sala, ele viu os olhos esbugalhados dela. Mari estava em suas mãos, sendo espezinhada e chacoalhada com fúria. Alguma coisa estava errada...

– Mãe! Mãe! O que vai fazer

com Mari? – Os gritos de Adriana vinham do corredor. A menina, ainda de meias e pijama, correu pela sala, atrás da mãe. Edgar segurou-a.

– Tio, a mamãe vai machucar a Mari. Não deixe! Ela é minha amiga...

– Vá trocar de roupa, pequena. Uma mocinha não sai de casa de pijama. Precisa ter bons modos. Mamãe vai só cuidar da Mari. Não se preocupe – disse ele, enquanto segurava a menina e tentava levá-la

de volta ao quarto.

– Tio, não viu que a mamãe levou a Mari? Vocês não gostam da Mari, não gostam da minha amiga. – Dizendo isso, Adriana deu um chute na canela de Edgar, que soltou um impropério, e correu para fora de casa, encontrando a mãe próxima à cerca-viva.

– Onde você colocou a Mari? – gritou aos prantos. – Onde está ela?

– Já para dentro! – berrou Estela. – Ela foi dar um passeio para

nunca mais voltar! Não quero aquela coisa dentro da minha casa! Está me ouvindo, Adriana? Está me ouvindo?

– Você não quer que eu tenha amigos! Você é má! Não gosto mais de você! Eu só tenho a Mari! Por que não entende isso?

– Volte já para o seu quarto! – ordenou a mãe, com o rosto muito vermelho. Edgar chegou a pensar que ela teria uma síncope. – E não saia de lá até que eu dê ordem para sair, entendeu? Você está de castigo!

Adriana correu para o quarto e não saiu de lá até o dia seguinte.

Segunda-feira, 21 de julho de 1985

A menina entrou na cozinha, os olhos inchados e avermelhados, a pele pálida, os cabelos desgrenhados. O rosto estava sem expressão. Havia chorado o domingo inteiro, trancada no quarto, chamando pela amiga. A mãe não lhe dera autorização para sair, mas estava na hora do café, e ela

precisava se alimentar.

Ela sentou-se na cadeira. Estela estava de costas, preparando o café, virada para a pia, e não viu quando a filha entrou. Adriana não tirou os olhos magoados e frios da mãe. Não era o olhar de uma criança doce de nove anos – mas o olhar duro de um felino selvagem, pronto para abater a presa.

Edgar, que havia saído para comprar pão, entrou na cozinha já comentando as notícias da rua:

– Estela, Estela – chamou ele. – Luiza está desesperada, só sabe chorar. O cachorro dela morreu nesta madrugada e ninguém sabe o que aconteceu... Foi uma coisa horrível! Parece que a mandíbula do pobrezinho caiu e...

Ele estacou.

Sobre a mesa da cozinha estava Mari, suja de terra e tomada de mordidas.

A expressão de Edgar se transformou numa máscara tensa e

apavorada. Seu coração disparou, e ele não conseguiu dar mais nenhum passo.

– Sim, Edgar, estou ouvindo... – disse a irmã. – O que houve com o cachorro da vizinha?

Estela se virou e tomou um choque. A garrafa de café se espatifou no chão. Mari estava ali, olhando para ela, os olhos lhe perfurando a alma. Acima do olho esquerdo, a marca do dente afiado do cachorro de Luiza.

Mas como? Jogara a boneca ao cachorro no dia anterior. Como aparecera novamente em sua casa? E como o cachorro havia morrido? Havia dado uma ordem a Adriana. Não queria a boneca de novo ali. E ela desobedecera! De repente, sentiu uma força crescer dentro dela, uma raiva latente, um sentimento avassalador e impulsivo. Não poderia aceitar isso, esse inferno. Ela fitou a filha e sentiu a frieza de seu olhar, mas aquilo não era o

suficiente para intimidá-la.

– Eu não lhe disse que não queria essa coisa dentro de casa? Onde a encontrou?

– Não a encontrei – respondeu a menina, séria. – Ela apareceu no meu quarto hoje de manhã. Disse que estava com saudades...

Estela voltou-se para Edgar, bufando de raiva.

– Foi você, Edgar? – acusou, imaginando que o irmão havia feito aquilo para que ela aceitasse suas

convicções sobre a boneca.

– Deus que me perdoe se eu fizer uma coisa dessas! – Ele parecia indignado. – Essa boneca me dá calafrios...

A cabeça de Mari estava voltada na direção de Estela, mas os olhos virados para ele, desafiadores e sarcásticos. O homem sentiu um arrepio lhe percorrer a espinha. Jogou o saco de pães sobre a mesa e girou os calcanhares, duro como uma estátua de pedra-sabão.

– Não vou permitir que acabe com a minha paz, entendeu? – Estela falava com a boneca. – Não vou permitir que destrua a minha família!

Ela agarrou Mari diante dos olhos atônitos da filha e lançou-a pela janela com ódio crescente. Sua voz estava rouca e transtornada. Estela já não era uma mulher sã; não havia mais nenhum controle emocional nessa mãe de família comum.

Adriana gritou e correu para

fora, encontrando Mari caída no jardim, sem um dos braços. Ela se ajoelhou, enquanto ainda ouvia a mãe berrando.

– Suma da minha frente, criatura maldita! Não apareça mais aqui! Eu preciso de paz, Senhor dos desgraçados! Destrua essa coisa! Vou acabar com você, Mari! Vou acabar com você! – esbravejava.

– Está vendo, Drica? Sua mãe não gosta de mim. Hoje ela me machucou. Amanhã ela vai me

matar, igual ao seu sonho... Você se lembra do sonho? Você se lembra do que ela fez comigo?

Adriana fez que sim com a cabeça, atordoada. Não sabia se a voz que ouvia era de vovó Mari ou de sua própria consciência. Só sabia que falava de forma suave e infantil, como uma amiga muito triste.

– *Você vai deixar que ela faça isso comigo? Vai deixar que me mate?*

– Não, não! Você não pode

morrer...

– *Então faça alguma coisa. Não espere mais! Sua mãe precisa pagar pelo que está fazendo! E você precisa dar um fim a essa violência* – ordenou, maléfica; a voz ficou mais grossa, mais forte, mais explosiva. A própria voz do demônio. – *E só há uma forma de fazer isso! Você sabe qual é, não sabe? Se não fizer isso, vamos continuar sofrendo nas mãos de sua mãe! Você quer isso? Quer ficar de*

castigo todos os dias?

Adriana balançou a cabeça de um lado para o outro, chorando. A força da boneca sobre o seu ânimo era impressionante e assustadora, ao mesmo tempo.

– Não, não quero... – respondeu ela, o rosto molhado. – Eu preciso fazer alguma coisa. Preciso fazer isso tudo parar...



Naquela mesma noite, depois que a mãe e o tio foram dormir, Adriana saiu do quarto sorrateiramente e seguiu em direção ao jardim. Usava um pijama de flanela com flores estampadas e um par de meias brancas. O friozinho da noite quase a fez continuar na cama, protegida pelo cobertor, mas precisava agir, precisava tomar uma atitude em relação à situação que atordoava sua vida.

Ao passar pelo quarto do tio, a menina parou para observar. Ele estava deitado, olhando para o teto, gesticulando e falando como se houvesse mais alguém ali dentro. Não sabia se dormia ou se estava acordado. Mas conhecendo o tio como conhecia, ela não se preocupou. *Ele é doidinho,* pensou ela. Refletiu sobre como gostava tanto do tio e em como ele lhe parecia tão frágil.

Em seguida, esgueirou-se até o

quarto da mãe. Estela dormia, fazendo ressoar os ruídos do sono solto. A respiração estava lenta, os olhos mexiam de forma muito rápida.

– Mãe? – sussurrou. Sem resposta.

Satisfeita com a ausência de resposta, seguiu o caminho. Saiu pela porta da sala, ganhando o jardim.

Ela se deteve por um momento. Pensou nas poucas coisas que vivera

até ali. Pensou no pai ausente, que trabalhava para dar o que comer à família. Pensou no tio louco que precisava de apoio para continuar vivo. Pensou na mãe, nervosa, autoritária, mas que queria o bem. Pensou em Mari... Ah, a querida Mari...

Adriana suspirou. Estava disposta a fazer aquilo. Não queria que os desentendimentos e a raiva perdurassem dentro de casa. Também ansiava pela paz no lar

onde morava. Mari tinha razão, precisava acabar com tudo aquilo!

Ela juntou alguns galhos secos no caminho de cimento que levava a porta da frente à rua. Riscou um fósforo e acendeu a fogueira. Colocou pedaços de jornal, que viraram cinzas em questão de segundos. Entrou novamente em casa e seguiu até o quarto.

No trajeto, ela encontrou a mãe, acordada e apavorada com o cheiro de queimado.

– O que está havendo? Que cheiro de queimado é esse?

Adriana não respondeu.

Edgar apareceu na porta, os olhos vidrados de quem ignorava a situação, mas pressentia que algo ruim estava prestes a arrancá-lo de seus devaneios.

– Alguma coisa está queimando, Edgar! O que está acontecendo aqui?

Adriana subiu correndo a escadaria que levava ao sótão.

– Mari? Mari? Onde está você? – chamava.

Estela viu a fogueira lá fora e afastou-se da janela, atordoada. Edgar postou-se ao lado dela, a mente girando. Ele saiu e pegou uma mangueira para apagar o fogo.

– Mari? Apareça! Sou eu, Adriana, sua amiga...

– *Vá embora daqui!*

Atrás dela, a porta se fechou com um estrondo.

Estela virou-se, alarmada. A

sala inteira rodava diante dela.

Essa voz! Essa voz não era de ninguém que conhecia. Uma voz masculina, forte, nefasta, cheia de maldade. E falava com sua filha!

– Edgar, Edgar! – gritou ela. – Adriana está falando com alguém no sótão! Pelo amor de Deus, ajude-me! Tem um homem lá em cima!

– O quê? – Edgar ficou apavorado. Seu pesadelo mais aterrador estava retornando. Ele não poderia continuar fingindo que nada

acontecia. Precisava ser firme para suportar. Aquele pesadelo estava agora chamando uma criança...

– Adriana, abra a porta! – pediu Estela, desesperada, tentando entrar e chocando-se contra a peça de madeira. – Abra, minha filha! Quem está aí com você?

Dentro do sótão, ela ouviu a voz aliciante que torturava os ouvidos da menina:

– *Sua mãe não gosta de você e quer lhe tirar a única amiga. Você*

vai deixar que isso aconteça? Faça alguma coisa, Drica! Se não se livrar dela, ela vai se livrar de mim. Você tem que fazer isso. Pelo nosso bem!

– Não acredite nisso, filha! Meu Deus, abra essa porta! – ela gritava, enquanto jogava o próprio corpo contra a porta.

– Cale a boca, boneca feia! E não me chame assim! Se eu não quero obedecer a mamãe, por que vou aceitar obedecer você? Você

não manda em mim!

Ouviu-se um barulho lá dentro. Objetos caíam no chão e eram arrastados. A voz de Adriana podia ser percebida pela série de gemidos agonizantes. Aqueles sons atormentavam a mente de Estela, que cada vez mais se atirava contra a porta que impedia a salvação de sua filha indefesa.

– *O que acha de brincarmos um pouco, menina atrevida?* – disse a voz, demoníaca e irônica. – *Deixe-*

a entrar...

A porta se abriu de repente. O corpo de Estela foi lançado para dentro do sótão, e então a porta se fechou. Agora eram só Adriana, Estela e... Mari! Na mão da boneca, o cutelo manchado de sangue.

Estela foi tomada pelo pavor e correu para a porta, porém não conseguiu abri-la. Adriana estava ferida, mas permanecia firme, disposta a livrar-se daquele fardo.

Do outro lado da porta, Edgar

entrou em desespero.

Não consigo. Não consigo. Não posso entrar aí de novo. Não faça isso comigo, meu Deus! Eu não posso...

– Estela, abra a porta! – gritou.

– Edgar! Adriana está ferida! Ajude-me, por favor!

– Abra essa porta, Estela! – Ele chutava, mas a porta de madeira maciça não cedia. Mesmo sem nenhuma chave na fechadura, estava trancada.

Ele sentiu que alguém mexeu na maçaneta do outro lado, a respiração forte e lenta.

– Estela?

– *Quer brincar também, seu medroso? Vou deixar você entrar...*

Tomado de pavor, Edgar se afastou num salto. Desceu a escadaria, tropeçando nos próprios pés, atordoado. O que faria? Enfrentaria o monstro do sótão, que inquietava sua mente toda vez que olhava para o alto da escadaria? Ou

aguardaria sua vitória sobre a fragilidade de Estela e Adriana?

Descartou a segunda opção. Precisava enfrentar a fobia que tanto o atormentava. Pensando assim, ele se postou novamente em frente à porta e chutou-a com toda a força. Enquanto isso, os ruídos lá dentro ficavam mais intensos.

Edgar ouviu um grito curto e sufocado. Um vidro se quebrara. Um choro contido tomou o ambiente, mas logo cessou.

De repente, somente o silêncio.

Ele parou de chutar a porta e passou a ouvir apenas a própria respiração e as batidas de seu coração, que lutava por mais espaço, quase lhe rasgando a pele do peito.

A porta se abriu lentamente. Apreensivo, ele se posicionou para sair correndo ao primeiro sinal do ser insólito e demoníaco. Mas o que viu sair daquele sótão o deixou aliviado.

A pequena Adriana caminhou cambaleante em direção à porta. O corpo magro e vulnerável estava coberto de sangue. Ela olhava o tio com uma tristeza aterradora; lágrimas encharcavam seus olhos meigos. Era como se dissesse que precisava dele agora. Precisava de carinho para aplacar a dor latente que se apossaria de seus dias dali em diante...

Em sua mão direita, o cutelo ensanguentado; na mão esquerda, a

cabeça da boneca dos infernos, ainda sorrindo, cínica.

Edgar olhou para dentro do sótão e conseguiu ver Mari em pedaços. Os braços para um lado, as pernas para o outro, o tronco nu jogado aos pés da irmã...

Estela!

Ele deu um passo à frente e perscrutou o estado do sótão. Sangue tomava as paredes, antes verdes. O cheiro do líquido vermelho impregnava o ar de maneira tão

intensa que o fez ter náuseas. A morte escolhera aquele lugar para passar suas férias.

No fundo do recinto, ele encontrou Estela, caída, o rosto vermelho pela enxurrada que descia de sua cabeça. Edgar se lembrou da única vez que vira uma cachoeira, ainda na infância. Ela jorrava água com uma força tremenda, levando consigo tudo o que estava próximo. Ele ficara maravilhado ante o espetáculo da natureza. Nesse

momento, o sangue de Estela era a água que jorrava... Sua vida se dissipando com o mesmo ímpeto da natureza indomável que tanto o assombrara...

Ele se aproximou da irmã e se ajoelhou. A perplexidade estava estampada em seu rosto, muda e condescendente. Ele balançou a cabeça, inundado pelas lágrimas incontroláveis, e invadido pelo mais legítimo sentimento de terror.

Ele tocou os cabelos molhados

da irmã, acarinhou sua cabeça e sentiu...

Na testa de Estela, a marca afiada do cutelo.







Nascida em 26 de maio de 1979 na cidade do Rio de Janeiro, Maud Epascolato foi criada no município de Angra dos Reis, no

sul fluminense. Leitora assídua e fã de romances policiais e de suspense, começou a escrever histórias de mistério aos 14 anos. Formada em Letras, Maud deixou a literatura por alguns anos para se dedicar a outras atividades, mas retornou por entender que é o que melhor sabe fazer. Em 2013, publicou seu primeiro livro, "Medo do Escuro e outras histórias", uma coletânea de contos de horror e suspense.

